



PIRES, Isabel Cristina (2007).  
*Deserto Pintado*.  
Col. O Campo da Palavra.  
Lisboa: Editorial Caminho.

A imensidão e a beleza de certas paisagens — o oceano, o deserto, uma metrópole moderna, por exemplo — são perturbadoras e, de certo modo, impiedosas. Nesses lugares, o ser humano pressente a sua pequenez perante a magnitude da terra e do tempo. Essa revelação ou o esmaga ou, pelo contrário, suscita o desejo de comungar com a totalidade da natureza. Alguns escritores maiores experimentaram o impacto da paisagem como se de uma epifania se tratasse, e fizeram dela matéria literária. Foi o caso de Herman Melville diante do imenso Oceano Pacífico; de Walt Whitman ao contemplar Nova Iorque, fervilhante de vida; de Eugénio de Andrade de visita às ruínas da antiguidade clássica, que sustentam a civilização ocidental.

Similarmente, a romancista e poetisa Isabel Cristina Pires percorreu, há alguns anos, o Deserto Pintado, no Arizona, uma área com mais de vinte e três mil acres, que se estende desde o Grand Canyon até à Floresta Petrificada. Aí, a autora encontrou-se com o génio do lugar e transportou para a escrita as suas impressões no romance *O Nome do Poeta* (2003), a história de uma mulher portuguesa ao desencontro com o outro e ao reencontro consigo, num esmiuçado exercício de introspecção. Nessa obra, a aridez da paisagem ecoava não apenas as vozes, mas também o silêncio e o vazio que sobram quando uma relação de amor se desvanece.

Agora, no seu quinto livro de poemas, *Deserto Pintado*, Pires revisita literariamente as regiões do sudoeste norte-americano, mas também certos locais de África e da Europa, com particular ênfase para Portugal. Nesta obra, a autora transforma o espaço geográfico em paisagens emocionais e reflexivas diversificadas. Algumas áreas, amplas e desertas, obrigam o sujeito poético a confrontar-se consigo mesmo: «Faço-me vento e dobro as árvores / nocturnas da floresta; no meio do grito, alcanço o pavor de ser só eu» (Pires, 2007: 56). Outros lugares inspiram o desejo de eternidade: «Tenho no sangue o veneno do Arizona, / onde a terra é mais do que a terra e o ar é mais do que o ar. / Onde o espaço não cabe no olhar / e o céu turquesa encobre o mundo. É assim / que quero a morte: com este silêncio na garganta» (ibid.: 26). Por fim, todo

o Deserto Pintado revela a necessidade humana de absoluto: «Eu não sabia o que era céu, o que era ar. / Desconhecia as montanhas, nada entendia / da terra abrindo os braços. / Nada sabia do espaço necessário / para estar viva» (ibid.: 24).

Pelo contrário, os espaços urbanos — surgidos na quarta e última secção da obra, «O Reino da Cidade» — são percebidos como lugares de asfixia, desencontro e mesmo angústia: «Para lá das esquinas em cimento / vem a morte respirar no nosso ombro / e o universo desliza porque não / acreditamos, sempre à espera / que a alma nos habite» (ibid.: 87).

Na linha dos poetas Alberto Caeiro, Miguel Torga, Sophia Andresen, Eugénio de Andrade ou Casimiro de Brito, existe em Pires uma sintonia perfeita entre o ser humano e a paisagem. Em certos passos de *Deserto Pintado*, o sujeito poético metamorfoseou-se num elemento do lugar, como uma planta: «Sinto o abraço mineral dos montes / que me envolve o corpo e me faz planta» (ibid.: 59), ou a ventania: «Hei-de dançar no baile onde uivam vozes / e transformar-me em vento» (ibid.: 22). No poema inicial deste livro, a harmonia entre a mulher e a terra atinge mesmo a dissolução daquela nesta: «Eu não sabia o que era o rosa / até me dissolver no Arizona / e ficar perdida para sempre / no violeta líquido da tarde» (ibid.: 15). O rosa mencionado nos versos que citei — bem como outras cores quentes, pontificando o púrpura, o laranja, o dourado e o amarelo — recorrem em *Deserto Pintado* para descrever as paisagens do Arizona. No oposto, a cidade emerge desenhada em tons mais frios, como o cinzento, e a escuridão é omnipresente e contagiosa: «As cores têm um sorriso de máscara macabra» (ibid.: 80). Neste contexto, assinalo que Pires é uma artista plástica ciente da osmose possível entre a palavra e a pintura — ou não fosse a actividade de escrita também um modo de olhar.

Em suma, *Deserto Pintado* é o conjunto de poemas mais conseguido de Isabel Cristina Pires: coeso, mas imprevisível; reflexivo, sem tombar no hermetismo; menos nostálgico do que esperançado numa reconciliação elementar entre os humanos e a terra que cruelmente habitamos neste início de milénio. Tal como o sujeito poético que confessa «Saio da terra amada e lá deixei / a sombra» (ibid.: 27), também o leitor fecha este livro com a sensação de que os versos se prolongam na paisagem que existe *fora e dentro* de cada um de nós.